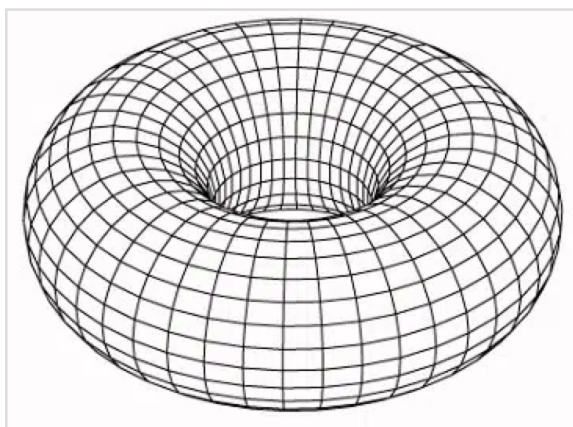


**Artigo****Negras velhices:  
um olhar para o envelhecimento das pessoas negras brasileiras<sup>1</sup>**

*Isidoro Cruz Neto  
Suelma Inês de Deus Branco*

**Introdução**

○ Brasil passa pelo aumento do envelhecimento populacional e, de acordo com dados publicados em julho de 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): “em dez anos, a parcela de pessoas com 60 anos ou mais passou de 11,3% para 14,7% da população”. A pandemia revelou alguns fatos importantes sobre a desigualdade no envelhecimento brasileiro que reforçaram o desejo da investigação, por exemplo: “em 2020, a população idosa foi a maior vítima fatal por Covid-19”.

Entre os idosos, também morreram mais homens pela doença do que mulheres. Mas quando se observa a cor ou raça dos óbitos, o percentual foi maior em idosos brancos (41,0%) do que negros (35,9%), também destacando a sub-representação de negros nesse grupo (IBGE, 2022). Essa diferença entre homens e mulheres por cor ou raça se deve a sub-representação de negros na faixa etária dos 70 anos ou mais, em razão da menor esperança de vida desse grupo social e pela maior mortalidade por Covid-19.

**Envelhecimento de Pessoas Negras**

No país, a primeira morte pela doença foi Cleonice Gonçalves, de 63 anos, moradora na cidade do Rio de Janeiro, era mulher, negra, idosa, hipertensa, diabética. Essa realidade reitera nosso desejo de investigar o envelhecimento das pessoas negras.

---

<sup>1</sup> Artigo publicado originalmente em BAZENGA, A.; MARTINS, C. e Lo-Cicero, M.H. (Orgs). *Olhares sobre o envelhecimento* (IXCIOSE) (IX Colóquio Internacional - 28/29 nov.2022)

A escritora negra, Conceição Evaristo, em seu poema “Vozes-mulheres”, diz:

(...) A minha voz ainda ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue e fome.  
A voz de minha filha recorre todas as nossas vozes,  
recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas.  
O ontem – o hoje – o agora.  
A voz de minha filha se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade. ... (Evaristo, 1990, pp. 32-33)<sup>2</sup>

Para Silva (2016, p.135), em Evaristo “é na linha do contra discurso, contestado o discurso vigente, que a escritora se posiciona, vislumbrando, nesse sentido, uma possibilidade de resgate do que foi relegado aos desvios da História.” E é também, inspirado na escrevivência de Conceição Evaristo que pretendemos desvendar as particularidades e singularidades da velhice das pessoas negras e contribuir de forma positiva para novos olhares e narrativas sobre o envelhecimento social.

O Brasil, um país sul-americano, considerado com dimensões continentais por apresentar a extensão territorial de 8.510.345,540 km<sup>2</sup>, de acordo com o Diário Oficial da União (DOU), nº 38, de 23/02/2022. É dividido em cinco regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, com 26 estados, além do Distrito Federal (DF), onde fica a sede do governo.

Devido a sua extensão, o país apresenta uma grande diversidade regional, passando por questões climáticas, culturais, sociais e econômicas, além da diversidade racial, com povos indígenas, negros, brancos e amarelos. Em relação aos dados sobre raça/cor, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do IBGE (2021), realizada com base na autodeclaração, aponta que 43,0% dos brasileiros se declararam como brancos, 47,0% como pardos e 9,1% como pretos.

Uma outra característica do Brasil é a presença de um intenso processo de envelhecimento populacional, fenômeno que pode estar associado à redução da taxa de fecundidade, baixa taxa de mortalidade infantil e o aumento das condições de saneamento básico, entre outros. De acordo com José Eustáquio Diniz, colunista do EcoDebate.

O número de brasileiros idosos de 60 anos e mais era de 2,6 milhões em 1950 (4,9% do total), passou para 29,9 milhões em 2020 (14% do total) e deve alcançar 72,4 milhões em 2100 (40% do total populacional). O número de brasileiros idosos de 80 anos e mais era de 153 mil em 1950 (0,3% do total), passou para 4,2 milhões em 2020 (2% do total) e deve alcançar 28,2 milhões em 2100 (15,6% do total populacional) (Alves, 2020).

Silva (2021) aponta que “Dos 32 milhões de idosos do país estimados em 2018, 48% (quase 15,5 milhões) compõem a população negra, sendo 8,8% (quase 3 milhões) de pessoas idosas pretas, e 39,2% (um pouco mais de 12,5 milhões) de pessoas idosas pardas”.

---

<sup>2</sup> In SILVA, Marcos Fabrício L. *Por uma poética da ancestralidade* IN *Escrevivências: Identidade, gênero e violência* na obra de Conceição Evaristo. Editora Idea: Belo Horizonte, 2016

O envelhecimento populacional possui características e contradições regionais. Por exemplo, o Nordeste é a região com maior concentração de pessoas autodeclaradas negras<sup>3</sup> (11,3%) do país, sendo 63,1% (parda), (11,4%) preta e (24,7%) branca. Fazem parte da região os estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Ceará e Piauí.

A Bahia (22,9%) e Maranhão (11,9%) apresentam, respectivamente, a maior presença de pessoas negras da região. Por outro lado é o Nordeste que possui o menor Produto Interno Bruto (PIB) per capita do país, grandes problemas sociais como a baixa abrangência de saneamento básico, alta índice de analfabetismo e taxa de desocupação entre os jovens de 18 a 24 anos chegando a 26,3% IBGE (2022), a taxa média do país é de 9,3%. Esse cenário faz do Maranhão o estado brasileiro com a menor expectativa de vida 71,4 anos. IBGE (2019)<sup>4</sup>.

A região Sudeste (depois do Nordeste) é a que concentra a maior população negra, 50,7% branca, 9,6% preta e 38,7% parda (PNAD Contínua-IBGE, 2022). Composta pelos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais. Em São Paulo (SP), cerca de 32% das pessoas se declaram de cor preta e parda. Considerada a região mais desenvolvida e rica do país, fenômeno provocado pela chegada de indústrias, além da forte presença do setor financeiro e comercial e, conseqüentemente, o aumento da oferta de trabalho atraindo pessoas de diversas regiões. De acordo com o IBGE (2019), São Paulo está entre os estados com maior expectativa de vida, 78,9 anos, o que não significa que seja a população negra a mais longeva.

A baixa representatividade de pessoas negras em espaços de poder, no meio acadêmico, nos indicadores de altos cargos e salários, qualidade de vida, acesso aos serviços de saúde, entre outros indicadores, impedem que esse grupo tenha uma maior expectativa de vida, revelam a memória ancestral marcada pela indissociabilidade entre resiliência e vulnerabilidade e as construções culturais alicerçadas no passado escravocrata. Assim, alguns desses indicadores nos incitaram a investigar a realidade desse grupo populacional, representado por pessoas idosas negras residentes na região Nordeste, cidade de São Luís (MA), Sudeste - cidades de São Paulo (SP) e Indaiatuba (SP).

## **Metodologia**

Analisar o processo de envelhecimento da população negra, grupo com algumas particularidades e especificidades, nos inquieta desde nosso período de pós-graduação, início dos anos 2000. Naquele período realizamos seminários e rodas de conversa com a população idosa negra de diversos segmentos (teatro, esporte, sindicato, movimento social), alguns aspectos comuns mencionados pelo grupo chamaram nossa atenção, a exemplo da percepção dos reflexos do passado escravocrata e a força para superar as barreiras invisíveis impostas pelo racismo, persistente na velhice, e o fato da população negra ser majoritariamente pobre.

---

<sup>3</sup> De acordo com convenção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), negra são as pessoas que se autodeclararam pretas ou pardas. A população negra engloba a totalidade de pessoas pretas e pardas.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2020/11/26/menor-do-pais-expectativa-de-vida-do-maranhense-e-de-714-anos.ghtml>. Acesso 11.03.2023.

Para a realização do trabalho foi utilizada a metodologia qualitativa, conforme Martins, 2004, “*A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise*”. A pesquisa qualitativa possibilita entender questões particulares já que ela trabalha com o universo dos significados, dos valores, atitudes Minayo (2010, p. 21).

Os critérios de escolha das pessoas entrevistadas foram: diversidade regional, de gênero, profissão, grau de escolaridade, a partir de indicações vindas dos círculos de amizade do(a)s pesquisadores. As entrevistas foram realizadas de forma online, previamente agendadas, com as seguintes perguntas norteadoras: Breve relato da sua cidade e a história da população negra. Qual a percepção do racismo em sua cidade e ao longo da sua vida? Como pessoa idosa negra, você sofre racismo? Foram entrevistados<sup>5</sup> Jorge, 65 anos, morador em Indaiatuba (SP), aposentado como auxiliar de enfermagem, terceiro grau completo; Vicente, 72 anos, morador em São Luís (MA), professor universitário aposentado e Maria, 60 anos, moradora em São Paulo (SP), musicista.

### **Análise das falas**

As falas estão presentes ao se analisar como cada cidade tratou a questão racial e a percepção do racismo de cada entrevistado(a), a partir das perguntas norteadoras.

### **As cidades e suas características**

São Luís, capital do Maranhão, possui 1,109 milhões de habitantes (IBGE, 2020), é uma ilha e foi a única capital brasileira fundada por franceses, em 1612. De acordo com Petrus e Pereira Jr. (2015), no estudo “A desigualdade socioespacial de São Luís demarcada pelos seus bairros”, a capital é marcada pela desigualdade socioespacial, ou seja, marcada pela desigual distribuição de bens e renda, fatos que provocam ou influenciam a pobreza.

Os efeitos de cada uma, desigualdade e pobreza, são visíveis e pujantes, pelo fato de acarretarem o sentimento de desvalorização humana, de não pertencimento àquela sociedade e insegurança econômica, tornando o indivíduo frágil em muitas áreas de sua vida, senão, em todas, como a sua integridade física, moral e psíquica. (Petrus e Pereira Jr, 2015, p.171).

É nesse contexto social de desigualdade e pobreza que se dá o processo de envelhecimento na cidade de São Luís. Em relação a presença negra, houve a tentativa de embranquecer a capital.

No final do século XIX, a influência das teorias raciais foi fundamental para a construção de uma identidade cultural que tinha como base a cultura europeia, mais especificamente em São Luís. Neste período, a intelectualidade maranhense iniciou o processo de constituição de uma

---

<sup>5</sup> Os nomes são fictícios.

identidade expressada na ideia de São Luís como a Atenas Brasileira. (Martins, 2017, p. 5).

No entanto, mesmo com o desejo de similaridade com a cultura grega, em função de notáveis da literatura brasileira terem nascido no Maranhão, como Gonçalves Dias, Artur Azevedo, Aluísio Azevedo, que em 1881 lança a obra “O mulato”, romance que causou escândalo entre a sociedade maranhense pela crua linguagem naturalista e pelo assunto tratado: o preconceito racial, entre outros autores.

A cultura do “bumba-meu-boi”<sup>6</sup>, do tambor de crioula ou punga dança<sup>7</sup> resistiram e foram consideradas bens imateriais e patrimônios da humanidade. No campo da literatura, importante destacar Maria Firmina dos Reis<sup>8</sup>, e no saber popular as benzedeadas e parteiras que, com o avanço da ciência, tiveram suas práticas ameaçadas e, no caso das parteiras, extintas.

Conforme a fala de Vicente, 72 anos, professor universitário aposentado, residente na capital maranhense há mais de 30 anos, envelhecer e ser um homem negro, em São Luís, é experienciar a desigualdade racial e social, ser resiliente e continuar encontrando estratégias para enfrentar o racismo velado, independentemente da idade que se tenha.

A resiliência é um conceito que pode explicar o modo de envelhecer com o racismo, a discriminação racial, o preconceito de cor, e seguir em frente, sem se deixar abater. O racismo está presente em cada etapa da vida e, conforme podemos observar nas falas, a necessidade de desenvolver estratégias de convivência são constantes. De acordo com Berndt “pessoas resilientes não se rendem a golpes do destino; elas atravessam o vale das lágrimas e voltam a escalar a montanha” (Berndt, 2018, p. 79).

Sobre ser resiliente e vulnerável, Berndt aponta que “A pessoa resiliente é vulnerável, mas as feridas saram relativamente rápido e não deixam cicatrizes muito grandes”. *Invulnerável? “Não, ela não é invulnerável”, afirma agora também Emmy Werner sobre as crianças resilientes de Kauai: “Elas são vulneráveis, mas invencíveis”* (Berndt, p. 20).

---

<sup>6</sup> O bumba meu boi é uma manifestação artística e popular do folclore brasileiro. É reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), e como Patrimônio Cultural do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Devido à festa ter **origem negra**, o bumba meu boi já passou por perseguições das elites nordestinas e da polícia, sendo, inclusive, proibido de 1861 a 1868. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/folclore/bumba-meu-boi.htm>. Acesso em 01.03.2023.

<sup>7</sup> O Tambor de Crioula do Maranhão é uma forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Seja ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros, ou associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado especialmente em louvor a São Benedito. Inscrito no Livro das Formas de Expressão, em 2007, esse bem imaterial inclui-se entre as expressões do que se convencionou chamar de samba, derivadas, originalmente, do batuque, assim como o jongo no Sudeste, o samba de roda do Recôncavo Baiano, o coco no Nordeste e algumas modalidades do samba carioca. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/63/>. Acesso em 01.03.2023.

<sup>8</sup> Negra, filha de mãe branca e pai negro, registrada sob o nome de um pai ilegítimo e nascida na Ilha de São Luís, no Maranhão, Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917) fez de seu primeiro romance, Úrsula (1859), algo até então impensável: um instrumento de crítica à escravidão por meio da humanização de personagens escravizados. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/> Acesso 01.03.2023.

A presença do racismo nas vidas negras, desde a infância até a velhice, é o que chamamos de racismo estrutural, ela está presente nas entranhas, nas estruturas da sociedade, nas *“relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural.* (ALMEIDA, 2019, pg. 50).

### **Os quilombos**

O trabalho escravizado esteve presente, sobretudo, nas fazendas de algodão e de arroz e, posteriormente nas plantações de cana-de-açúcar. Como resultado, às vésperas da Independência, o estado possuía 55% dos cativos do Império. Os quilombos, ou territórios de resistência negra são um outro dado importante no Maranhão. Igualmente ao que ocorrera em todas as regiões brasileiras, a condição de existência do trabalhador escravizado maranhense levou-o a fugir comumente e a formar quilombos. Diferente da zona açucareira nordestina, que se concentrava em uma estreita faixa de terra próxima ao litoral, a Zona da Mata, o Maranhão, de acordo com Fiabani (2005) em quase toda parte norte, apresentava abundantes matas com muitos rios e riachos, facilitando a formação de quilombos nas cabeceiras dos rios e também nos locais mais afastados, sem a presença das fazendas escravistas.

Em decorrência do elevado número de trabalhadores escravizados, hoje o Maranhão é o estado com maior número de comunidades negras rurais do Brasil. Em 2003, foi criado o Programa Brasil Quilombola com o objetivo de melhorar as condições de vida e ampliar o acesso a bens e serviços públicos para a população quilombola. Infelizmente, na gestão do presidente Jair Bolsonaro, houve interrupção no processo de titulação das terras e ausência de fiscalização o que provocou o aumento da violência contra a população quilombola, de acordo com documento elaborado por integrantes da Campanha Contra a Violência no Campo, após incêndio criminoso, pedem “que os governos adotem medidas para proteger a vida, a saúde e a integridade pessoal” de todas as famílias, entre outras solicitações<sup>9</sup>.

Viver e envelhecer nos quilombos expressa um ciclo de vida em constante vulnerabilidade social, marcada principalmente pela insegurança na posse da terra, dificuldade no acesso aos serviços públicos e condições de trabalho precárias. Passado e presente se entrecruzam na escrevivência das vidas nos quilombos onde a voz dos antepassados, ecoa na voz dos velhos quilombolas, conectando-se com os mais jovens, permanecendo a garra e determinação no enfrentamento do conflito fundiário, preservação da cultura ancestral.

Para Vicente, se aposentar em São Luís (MA), iniciar novo ciclo de vida com uma rotina de ida à praia, andar de bicicleta, realizar projetos culturais, viagens internacionais, cursos, todas essas possibilidades que tornam a velhice saudável, em meio a uma realidade da população idosa negra marcada pela escassez e pobreza são símbolos da contradição social e de um destino de sucesso, o que não o exclui de sofrer racismo, conforme relata:

---

<sup>9</sup> Disponível em <https://deolhonosruralistas.com.br/2022/12/07/quilombos-no-ma-sofreram-oito-ataques-desde-o-fim-das-eleicoes/> Acesso em 20.02.2023.

Quando cursava o curso de teatro, no Centro de Artes Cênicas de São Luiz, realizei uma viagem de estudos de cinema em Cuba e, ao voltar, vi meu nome incluído em uma relação de “reprovados”, situação está que me levou a processar judicialmente a escola de Artes Cênicas, já que não obtive justificativa cabível para a reprovação (Vicente, depoente).

A força psíquica para continuar a ser autoconfiante, não desistir dos seus sonhos está dada ou é desenvolvida na experiência com o racismo e a discriminação racial velada, durante todos os ciclos da vida.

### **Indaiatuba**

Indaiatuba, município do Estado de São Paulo, fundada em 1830, possui 256.223 mil habitantes (IBGE, 2020) localizada a noroeste da capital paulista. De acordo com artigo “O negro na história e na historiografia de Indaiatuba ou eu não sou racista, mas conheço quem é”<sup>10</sup> de Eliana Belo Silva (2015), *embora com presença marcante na História de Indaiatuba, os negros possuem pouca presença em nossa Historiografia já publicada. Aparecem em poucos textos e livros sobre o assunto "escravidão"*.

Para nosso entrevistado, Jorge, a ausência do povo negro na história da cidade também foi lembrada:

Muitos negros vieram escravizados de Angola, Benguela, aqui era um polo produtor de cana de açúcar. Em Indaiatuba trouxeram muitos negros feitos escravos, que ficavam em “fazendas de escravos” na Região. Tem uma antiga fazenda, chamada Pau Preto, onde a presença negra é evidente, inclusive uma senzala, que a administração nega, dizendo que era armazém. Eu tentei fazer a sede do Conselho (*da Comunidade Negra*) lá, foi negado (Jorge, depoente).

A invisibilidade contemporânea de negros e negras na cidade, ainda persiste, conforme o olhar de Jorge.

A grande maioria de negros nessa cidade são invisíveis, nas lojas dos shoppings *centers*, não tem preto trabalhando, médico preto só tem um obstetra e ginecologistas, nas recepções das UBS (*Unidades Básicas de Saúde*) não tem preto. Tem alguns grupos de pagodes<sup>11</sup>, que não são inclusos na agenda cultural da cidade (Jorge, depoente).

Conforme Silva (2015), existe a ausência, até meados do século XX, de outras questões pertinentes a identidade da cidade, onde indiretamente, a população negra está presente.

Há outras minorias ausentes, há outros fatos, há grupos, há classes, há lutas, há conflitos, há famílias, há crimes, há apropriações e desapropriações do espaço urbano, há movimentos de população e

<sup>10</sup> Disponível em: <http://historiadeindaiatuba.blogspot.com/2015/05/o-negro-na-historia-e-na-historiografia.html?m=1> Acesso 25.02.2023.

<sup>11</sup> Uma sonoridade do samba que incorpora os metais de outros gêneros, como sax, teclados e outros instrumentos, dando uma roupagem nova à sonoridade do samba.

tantos e tantos outros assuntos do cotidiano do cidadão comum ou dos gabinetes que não foram registrados. (Silva, 2015, s/p)

Em 1988, período da redemocratização do país, foi criado o Conselho da Comunidade Negra de Indaiatuba (CONI) - com o objetivo de se tornar referência regional na preservação e continuidade das culturas africana e afrobrasileira, trabalhando também nas questões educacionais.

Em 2019, como sinal de continuidade da inserção da questão racial na agenda do município, foi criado o Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial, com isso, o racismo e seus desdobramentos passam a ter visibilidade e um espaço na agenda pública. No entanto, o relato de Jorge, que foi o primeiro presidente do Conselho, demonstra a superficialidade com que a questão racial e formas de combater o racismo são tratadas na cidade, o que não difere de outras partes do país.

Eu apresentei ao ex-vereador Dercy Lima, do PT, a Lei Semana Reverendo Martin Luther King, que foi aprovada, e todo dia 4 de abril, sua comemoração, mas nunca foi feito nada. Temos a Lei Indaiatuba Cidade Co-irmã de Benguela, nunca foi implementada. A Lei do empreendedor afro, também nada. A cota para negros nas peças publicitárias, também nada é feito. (Jorge, depoente).

Para Jorge, a educação foi a estratégia utilizada para enfrentar o racismo ao longo da vida. Graduou-se em Teologia, Pedagogia e Gastronomia, além de ser técnico de enfermagem. Seus cabelos e barba brancos não lhe credenciam para a dispensa das apresentações curriculares que, ao serem mencionadas, elevam o prestígio e o respeito, sinal do racismo latente na velhice, porém velado, na estrutura social.

As pessoas querem saber quem é fulano, meu currículo é esse aqui. Não é qualquer Jorge. Tem que impor seu conhecimento, infelizmente as pessoas não respeitam” Homem negro com cabelos brancos. Quando mostra uma formação, há inibição para discriminar. É mais fácil discriminar com uma pessoa que não tenha grau de estudo ou que não saiba se expressar ou defender, quando me apresento como alguém preparado. Tenho estabilidade e base financeira, não preciso ficar pedindo. Quando o indivíduo não tem, fica mais fácil para o racista tirar onda. Cabelo branco, não vou mexer porque o cara tem uma história. Precisa mostrar conhecimento, preparo, independentemente da idade. (Jorge, depoente).

Com o quase apagamento da presença negra na história da cidade, a oralidade e a narrativa dos mais velhos, suas escrevivências, tornam-se fundamentais para entender a trajetória negra na cidade e os impactos do racismo na vida desse grupo populacional, conforme Almeida:

Permeado por mudanças na estrutura econômica e política que exigem formas mais sofisticadas de dominação, o incremento das técnicas de exploração econômica é acompanhada de uma evolução das técnicas de violência e opressão, dentre as quais o racismo. (Almeida, 2019, p. 72)



## São Paulo

São Paulo, capital do Estado de São Paulo, localizada na região Sudeste, possui 12,33 milhões de habitantes (IBGE, 2020). Fundada em 1554, é o principal centro financeiro do país.

A história da população escravizada na cidade, semelhante a outras cidades brasileiras, sofreu ausência ou apagamento no que se referem a líderes, lugares, conflitos, lutas, conquistas do povo negro. Conforme relata Denise dos Santos Rodrigues, autora da pesquisa de mestrado, “Cidade em preto e branco: turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra” (2021, EACH/USP), *para um turista que venha à primeira vez à cidade de São Paulo, descobrir os traços de uma presença negra por aqui é praticamente impossível. Monumentos? Consegui identificar apenas quatro até o final de minha pesquisa.*

O resgate da memória negra na cidade de São Paulo é demonstração de que mesmo com as diversas estratégias e mecanismos operados para o apagamento, a invisibilidade está deixando lugar para a visibilidade. O afrofuturismo é um dos meios para mudar a rota da invisibilidade. De acordo com Denise: *“afroturismo é um conjunto de práticas de resgate, valorização, preservação, reconexão com a identidade e história por meio dos bens culturais, materiais e imateriais, as quais têm os sujeitos negros como protagonistas”.*

Há movimentos e coletivos na cidade, que visam resgatar, publicizar e preservar a memória de lideranças e territórios negros. É o passado renascendo no presente e lutando para ocupar um espaço negado, a exemplo da Capela dos Aflitos, no bairro da Liberdade, conhecido como bairro oriental, sufocou totalmente a memória original de sofrimento do povo negro. O coletivo União dos Amigos da Capela dos Aflitos (Unamca), luta pelo reconhecimento histórico da Capela dos Aflitos – localizada na estreita e escura Rua dos Aflitos.

Uma frase escrita no toldo da entrada surpreende: “Capela Nossa Senhora das Almas dos Aflitos, fundação 27 de junho de 1779”. Mantido há mais de dois séculos pela peregrinação de devotos, o local carrega um legado sombrio nas fundações e paredes em taipa de pilão. O espaço sagrado resiste até hoje como um marco da história negra que fundou o bairro.<sup>12</sup>

A estátua de Deolinda Madre, conhecida como Madrinha Eunice, considerada a matriarca do samba em São Paulo, está imortalizada na Praça da Liberdade, no Centro de São Paulo. A história de vida de Madrinha Eunice remete a vida de uma geração de mulheres negras que buscaram sua independência trabalhando, participando de escolas de samba, criando e amparando filhos e filhas do coração.

Expressão de tímidas mudanças é a instalação, recentemente, de seis obras na cidade, Madrinha Eunice, Zumbi dos Palmares, Ademar Ferreira da Silva (atleta), Carolina Maria de Jesus (escritora), os cantores e compositores Itamar Assumpção e Geraldo

---

<sup>12</sup> Veja mais em <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/07/01/em-sp-capela-do-seculo-18-resiste-a-urbanizacao-e-apagamento-historico.htm?cmpid=copiaecola>

Filme, Joaquim Pinto de Oliveira, conhecido como Tebas (escravizado, artesão e arquiteto).

Maria, nossa entrevistada de São Paulo, é musicista, assim como Madrinha Eunice e tantas outras mulheres do mundo da música, arte e cultura, fala do movimento necessário para ocupar espaços marcados pelo machismo, sexismo e racismo. Para superar a tripla discriminação, foi preciso ter “jogo de cintura”, conforme relata:

Houve luta pela valorização tanto em relação ao preconceito no mundo das artes, já que os mestres eram homens. Mulher, musicista na época, negra, bunda larga, cabelo rasta, muita sutileza. Foi preciso ter jogo de cintura, passar por essa situação (de preconceito) sem se humilhar, valorizando o seu espaço. (Maria, depoente).

Através de um olhar crítico para a cidade é possível observar os espaços ocupados pelos corpos negros e pobres. A obra Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, ajuda a entender a vida, as dificuldades, a luta pela sobrevivência dos pobres, majoritariamente negros (as), da década de 60. Desde a publicação da obra até os dias atuais, pouco ou nada mudou. Em nome do desenvolvimento e modernização da cidade, a classe trabalhadora empobrecida e vulnerável, foi e continua sendo empurrada para os bairros distantes, periféricos, geralmente desprovidos de infraestrutura urbana, bens e serviços.

Envelhecer com as dificuldades de uma cidade que foi crescendo, se desenvolvendo, com a lógica do bem-estar e qualidade de vida para as regiões centrais e com renda média mais alta, penalizando a população pobre e vulnerável no tocante aos serviços públicos (saúde, transporte, escola, etc.) de baixa qualidade, demonstra o apartheid social em que a legião de pessoas negras e pobres vivem em São Paulo.

Ganhar um salário acima da média, fez com que Maria, se sujeitasse a passar por situações de racismo explícito, conforme ela relata:

Tive que engolir sapo, ao ouvir um aluno adolescente dizer, não é possível que você seja professora, você parece minha empregada. Mamãe, mamãe eu quero levar ela pra casa, eu não quero mais a X, quero ela e a mãe perguntou se a professora dava aula particular. Sobrevivência. Bom salário, engolir sapo. (Maria, depoente).

Mesmo adentrando aos 60 anos de idade, o racismo persiste, porém, a reação é outra:

Agora o pavio está mais curto, mesmo assim ainda tentam invisibilizar. A ficha técnica, sem os créditos da direção musical, por exemplo. Apropriam do que você produz. Nunca poderia ser a diretora musical, sempre estou com alguma pessoa ao lado. (Maria, depoente).

Maria não tem filhos, é homossexual, vive há dez anos com uma companheira negra, 34 anos. O racismo continua presente em sua vida, em seu cotidiano, em sua existência. Além do racismo, carrega o peso de ser também uma mulher homossexual e idosa, procura não se expor em público, relata que *não ficamos dando pinta* (andando de mãos dadas, por exemplo). *Hoje observo mais a questão do preconceito.*

Racismo e transfobia estão presentes na vida de Maria, reflexo da realidade enfrentada por esse grupo populacional, no Brasil, em especial. Conforme o relatório de 2021, da Transgender Europe (TGEU), que monitora dados globalmente levantados por instituições trans e LGBTQIA+, nos últimos 13 anos, pelo menos 4.042 pessoas trans e de gêneros diversos foram assassinadas entre janeiro de 2008 e setembro de 2021, 33% dos assassinatos foram no Brasil.

### Considerações Finais

Frente ao quadro de expropriação e de brutalidade social e racial que hoje vivenciamos, analisar as construções culturais alicerçadas no passado escravocrata presentes na história de três cidades e articular com o envelhecimento de pessoas negras é de extrema relevância para compreender o significado do racismo, suas tensões, disputa de narrativa, resistências e resiliência presentes na dinâmica dos processos sociais e transformações societárias.

A tentativa de apagamento do sujeito negro na história do Brasil, o silêncio e a quase anulação do protagonismo de homens e mulheres negras na luta contra a escravidão e na luta pela sobrevivência em meio a sociedade excludente do ponto de vista racial, foi um projeto político que culminou posicionando a população negra em uma condição de vulnerabilidade e risco social, seja pela condição de classe social, uma vez que , a maioria de negros e negras são pobres ou por uma identidade forjada na negatividade do ser, na desvalorização dos atributos do corpo negro.

As falas sinalizam utopias de uma sociedade com equidade racial, semelhantes a utopia dos escravizados que fugiam em busca da tão sonhada liberdade para todas as pessoas oprimidas pela escravidão.

Observa-se que as experiências coletivas na perspectiva racial sinalizam a necessidade urgente da materialização da educação para relações étnicorraciais pautada na Lei 10.639/2003<sup>13</sup>, contribuindo para que as futuras gerações estejam libertas do pensamento e de práticas racistas, entre outras ideologias discriminatórias.

O Estatuto da Pessoa Idosa foi um avanço para a garantia dos direitos, mas ainda apresenta falhas na implementação, assim como o Estatuto da Promoção da Igualdade Racial, instrumentos jurídicos que concretizaram sonhos e esperanças de uma sociedade mais justa e igualitária.

### Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, José Eustáquio Diniz. *O envelhecimento populacional compromete o crescimento econômico no Brasil?* Disponível em:

<sup>13</sup> Disponível em [https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei\\_10639\\_09012003.pdf](https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_10639_09012003.pdf) Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

<https://cee.fiocruz.br/?q=envelhecimento-populacional-compromete-o-crescimento-economico>. Acesso em 02.01.2023.

BERNDT, Christina. *Resiliência: o segredo da força psíquica*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2018.

DUARTE, Constância L; CORTÊS, C.; PEREIRA M.R. A. (orgs). *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Editora Idea: Belo Horizonte, 2016.

EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO (EBC) -

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/sao-paulo-tera-cinco-novas-estatuas-de-personalidades-negras>. Acesso em Março 2023.

FIABANI, Adelmir. *Mato, palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes*; 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Janczura, 2012.

MARTINS, Carolina C. de Souza. *São Luís, cidade negra; cultura popular e Pós-abolição no Maranhão* Disponível em [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502808460\\_ARQUIVO\\_artigoanpuh.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502808460_ARQUIVO_artigoanpuh.pdf) Acesso em 21.02.2023

SILVA, Marcos Fabrício L *Por uma poética da ancestralidade IN* *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Editora Idea: Belo Horizonte, 2016., p.135

*Data de recebimento: 24/02/2024; Data de aceite: 20/03/2024*

---

**Isidoro Cruz Neto** - Universidade Federal do Maranhão, Brasil. Email: [zizi2@terra.com.br](mailto:zizi2@terra.com.br)

**Suelma Inês de Deus Branco** - Soweto Organização Negra, Brasil. Email: [suelmadeus@hotmail.com](mailto:suelmadeus@hotmail.com)